

# **DESIGN EDITORIAL INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

Bacharela Lariane Casagrande (Design Gráfico, UEL)  
Profa Dra Rosane Fonseca de Freitas Martins Londrina (Design Gráfico, UEL)  
Profa Ms. Danielle de Marchi Tozatti (Design Gráfico, UEL)

## **RESUMO**

Apesar do Brasil ser um país majoritariamente mestiço, a ausência de referenciais negros é um fato que interfere diretamente na valorização do negro e na construção da identidade da criança negra. O presente trabalho objetiva mostrar o desenvolvimento de um projeto gráfico, para um livro infantil direcionado à crianças entre 5 e 7 anos, que valoriza e estimula a diversidade e a construção da identidade negra. Para tanto, a metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória qualitativa incluindo-se pesquisa de dados primários e entrevista com o público para o qual o livro se destina. Foram eixos de pesquisa: a cultura e literatura infantil afro-brasileira; aspectos atuais gerais do livro infantil; e o design editorial, que envolve a pesquisa de cor, formato, tipografia, diagramação e, produção gráfica com destaque para a ilustração. Apresenta como resultados o projeto gráfico assertivo elaborado com base nas investigações que colabora com a ressignificação do papel feminino negro na literatura infantil.

Palavras-chave: Livro Infantil. Design Editorial. Identidade Negra Brasileira.

## **INTRODUÇÃO**

Para tratar da temática proposta neste trabalho, parte-se da premissa de que: “As constatações de que o povo brasileiro e sua cultura, principalmente a popular, se formaram com a participação maciça dos afrodescendentes e das culturas africanas nunca foram questionadas, ainda assim, o olhar dos brasileiros raramente se voltou para a África” (SOUZA, 2009, p. 94).

Esta contradição é, de acordo com Souza (2011), decorrente de como modelos explicativos clássicos trataram o passado escravista. “As crenças científicas oriundas do Darwinismo Social que colocou os africanos no último degrau das raças ditas humanas ofereceram os elementos necessários para conformação de uma imagem de inferioridade e incapacidade ‘natural’ do negro” (SOUZA, 2011, p.16).

Como consequência, o que se encontra na grande parte das histórias infantis são personagens mergulhados na cultura europeia, mocinhas brancas e frágeis esperando por príncipes, também brancos, que irão salvá-las. Lembrando que os brinquedos, personagens de desenho animado e histórias infantis são importantes referenciais para a construção da identidade da criança. (MARIOSIA e REIS, 2011).

É na base da imposição legal, por meio da Lei no 10.639 do ano 2003, que se pretende mudar esse quadro. O texto diz que nos estabelecimentos de ensino fundamental, médio e superior, oficiais e particulares, “torna-se obrigatório o ensino de História e



Cultura Afro-Brasileira”, incluindo “o estudo da História da África e dos Africanos”. Entretanto, a carência de material didático e aperfeiçoamento de professores é compreensível, decorrente do pouco tempo que o tema passou a ocupar com mais frequência as preocupações dos pesquisadores (SOUZA, 2009).

O novo quadro impõe a busca pela formação de professores e por materiais didáticos e paradidáticos acerca do tema. De acordo com o MEC (2015) o livro didático normalmente é o material frequente no cotidiano escolar, devendo conter fonte atualizada de informações e atividades. Já o livro paradidático é conhecido por ser utilizado no desenvolvimento do trabalho com projeto cumprindo o papel de aprofundamento conceitual que o livro didático muitas vezes não consegue alcançar. É neste último que este trabalho se propõe a contribuir tendo como objetivo explorar conceitos de design para a transposição de ideias e conceitos sociais, em especial a cultura negra, no suporte editorial infantil.

A metodologia compõe-se de pesquisa exploratória, qualitativa e descritiva, o delineamento de dados primários e secundários, além de levantamento com o público. A estratégia utilizada foi a entrevista-conversa proposta por Saramago (2001). Como resultados, apresenta a proposta de um livro paradidático que aposta na força comunicativa da ilustração, que aqui se relaciona com o texto e é fundamental na compreensão da história, colaborando para ressignificação do papel do negro no imaginário infantil e com o rompimento de visões distorcidas, evidenciando aspectos positivos, importantes para a formação de caráter, construção de identidade e visão de mundo de crianças, negras ou não.

## **1. CULTURA E LITERATURA AFRO-BRASILEIRA**

A identidade brasileira vendida pela mídia que pressupõe uma cultura homogênea e singular está atrelada aos acontecimentos das décadas de 1930 e 1940, em que políticos e intelectuais enxergaram na cultura a singularidade do Brasil e a partir disso, entrelaçaram as ideias de um país mestiço, formado a partir de tradições herdadas de africanos, europeus e índios para a construção de uma identidade nacional impulsionados pela política nacionalista do governo de Getúlio Vargas. Como consequência, samba, capoeira, e candomblé foram aos poucos incorporados como símbolos de nacionalidade e expressões da síntese cultural própria do Brasil. (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

Porém, a identificação da cultura negra como cultura nacional não se deu repentinamente, envolveram-se muitas disputas, longos processos de negociações e resistências. E apesar de representarem conquistas importantes na história da luta dos negros e na história da cultura brasileira, o reconhecimento social do samba e do Carnaval e a descriminalização da capoeira e do candomblé infelizmente não significam o fim dos preconceitos, e nem mesmo da perseguição policial.

No contexto literário, personagens negras começam a aparecer nas histórias infantis no final da década de 1920. As primeiras histórias publicadas com personagens negras era de uma sociedade recém saída do longo período de escravidão. Não existiam histórias em que conhecimento, história e cultura dos negros fossem retratados de modo positivo. Negros eram representados de modo estereotipado e depreciativo (JOVINO, 2006).



No percurso para uma produção de literatura infantil comprometida com outra postura representacional brasileira, muitas obras acabavam por apresentar personagens negros de modo que repetiam as representações que pretendiam romper. A personagem negra no período era permeada de atributos e traços brancos em um contexto narrativo de conflitos étnico-raciais e socioeconômicos. Só em meados da década de 1980 em diante, Jovino (2006) acentua que é possível, finalmente, encontrar obras com personagens negras desempenhando papéis e funções diferentes, valorizando as mitologias e as religiões de matriz africana, rompendo com o modelo de desqualificação presente nas narrativas dos períodos anteriores.

O texto literário infantil é importante porque permite a construção e consolidação de valores culturais e morais, bem como o padrão de beleza. O maior exemplo disso é a força com que a cultura eurocêntrica, branca, cristã e ocidental se consolidou no imaginário dos clássicos infantis (ARBOLEYA, 2008).

Nesse sentido, a Literatura Afro-brasileira não interessa apenas às crianças afrodescendentes. A cultura africana no Brasil interessa às crianças de todas as etnias, principalmente a branca. Elas também receberam e recebem uma educação envenenada de preconceitos, e igualmente tem suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, a cultura da qual nos alimentamos cotidianamente, apesar de carregada de tradições africanas e invenções dos africanos, não pertence somente aos negros, ela é fruto da junção das culturas e da memória pertencente a todos os grupos étnicos que povoam o Brasil (MUNANGA, 2005).

## 2. O LIVRO INFANTIL

Deve-se ao final do século XVIII o nascimento dos livros para crianças. Segundo Powers (2008), foi a primeira vez que o livro surgiu como um novo objeto e não apenas como suporte para um texto. A partir da ideia de infância como um universo singular separado do adulto.

O que se vê hoje é a aproximação dos universos infantil e adulto. Livros infantis de qualidade agradam não só as crianças, mas também os adultos e não subestimam a capacidade assimilativa da criança, são feitos para acompanhar seu leitor por toda a vida. Algumas ilustrações em livros podem nivelar a experiência do leitor adulto em decodificar texto e serem, ao mesmo tempo, perfeitamente adequadas ao olhar menos exercitado, porém perspicaz da criança (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011).

Além disso, o processo de adaptação agora é transmidiático, como afirmou Necyk (2007), a mesma história será produzida como livro infantil e posteriormente no cinema. Cinema, teatro, história em quadrinhos, games, aplicativos web, e livros multimídias potencializam o consumo de livros impressos no suporte de papel.

Na era digital, algumas das vantagens da obra física é que ela é carregada de sentimentos, não quebra ao cair no chão, pode ser emprestada, ou revendida. Além disso, estudos apontam que nas leituras antes de deitar a luz eletrônica pode adiar, em média, mais de dez minutos o sono; e que é três vezes mais provável que o leitor se disperse na leitura



eletrônica em relação a leitura convencional (ALBERTO, 2013).

No cenário brasileiro, apesar da crescente ascensão dos tablets, os chamados e-books ainda não são muito populares entre os leitores brasileiros, uma vez que 82% dos entrevistados Pró-Livro (2015) afirmam nunca ter lido um.

### **3. A ILUSTRAÇÃO NO LIVRO INFANTIL**

De acordo com Lins (2002, p.36) “a ilustração extremamente literal ou puramente ornamental e decorativa não condiz com a diversidade, a pluralidade e a riqueza de informações visuais a que as crianças de hoje têm acesso”.

Sobre como as ilustrações podem reforçar o texto no livro infantil, Powers (2008, p.30) baseado em Wanda Gág, afirma que o universo de “fadas” das histórias infantis, tem um caráter tridimensional convincente. “Por exemplo, as bruxas alemãs não são espectros frágeis voando pelo ar, elas normalmente vivem em belas cabanas e usam gorros engomados e aventais imaculados”. Em outras palavras, as ilustrações podem tornar uma narrativa crível, construindo as possibilidades para além da realidade.

A ambientação visual de uma história é importante ao ponto de afetar a percepção e até manipular a interpretação da história. Ao escolher o tipo específico de cenário o ilustrador não só inicia a leitura do enredo, mas também situa a história em um determinado contexto histórico, social, e literário:

Anthony Browne, ao incluir um televisor em sua versão de “João e Maria”, sugere imediatamente uma leitura irônica “pós-moderna” do conto. Já na versão de Paul O.Zelinsky, apenas as primeiras duas ilustrações da casa da bruxa tem telhado feito de panquecas e janelas de doces, depois que as crianças são capturadas a casa nas ilustrações torna-se comum, sugerindo que a primeira casa era uma miragem dos personagens (NIKOLAJEVA;SCOTT, 2011, p.212).

### **4. DESIGN EDITORIAL**

Muitas vezes o formato do livro infantil é definido pelo editor pelas variáveis de custo e padrão. Mas quando o designer tem a possibilidade de escolher o formato Assis (2007 apud Flexor, 2006) aponta os aspectos financeiro (cálculo de aproveitamento de papel a partir dos formatos disponibilizados nas gráficas), cultural (formatos obtidos a partir de proporções geométricas ou orgânicas tidas como harmoniosas e cognitivas) e ergonômico para serem considerados (se refere ao tamanho, peso, durabilidade e facilidade no manuseio pelas crianças).

Já a organização espacial da página de um livro infantil com texto, imagem, e espaço em branco estabelece a ordem correta de leitura e a ordem adequada de respiro, para que o leitor neste intervalo, possa processar e refletir sobre o trecho lido. Essa interação pode ocorrer de quatro maneiras segundo Nodelman (1998): 1) Ilustração separada do



texto; 2) Ilustração unida parcialmente ao texto - a imagem ocupa espaço proporcional ao texto dentro da mancha gráfica na forma de retângulos. 3) O texto intermedia ou se relaciona com a forma da ilustração, ou acompanha a ilustração com uma linha que reproduz sua forma. 4) O texto dentro da área da ilustração - a ilustração é aplicada ao fundo e o texto é inserido sobre a ilustração.

Para a escolha da tipografia no livro infantil, legibilidade e legibilidade são fatores fundamentais. Sendo, a primeira, definida por Santos (2013) como referente à facilidade com que o leitor pode ler as palavras, frases, e blocos de texto; e a segunda, referente à condição de distinguir um tipo tipográfico de outro, levando em conta a definição comparativa de suas formas.

Lourenço (2011) considera, principalmente para as crianças, os ascendentes (partes das letras minúsculas que se projetam acima da altura de x, que é por sua vez a altura das letras minúsculas comparada às maiúsculas) e descendentes (partes das letras que se projetam abaixo da altura de x) como fatores relevantes para a eficácia da legibilidade dos textos. Estabelecendo que quando esses apresentam uniformidade, ou seja, são do mesmo tamanho, e também possuem prolongamento maior em relação ao corpo de x, ajudam a criar identificação do formato das letras por produzirem formatos bem definidos.

De acordo com Farina (2006) as cores podem transmitir sensações visuais que estão relacionadas a significados materiais e afetivos. Para a escolha da paleta de cores de um livro infantil, as associações e significações das cores pautadas por costumes sociais é um bom caminho. Por exemplo, o branco no Ocidente tem conotação de paz e pureza, já no Oriente o branco pode ser entendido como luto.

Fraser e Banks (2007) classificam os estímulos provocados pela cor ligados à percepção a partir de um círculo cromático, onde combinações de cores também podem ser retiradas. São elas: Cores complementares - se complementam por não possuírem cor semelhante entre si, dispostas em lados opostos do círculo cromático; Cores análogas - são o grupo de cores que estão lado a lado no círculo cromático, e têm relação de pouco contraste; Cores triádicas - são as três cores que estão separadas por distâncias iguais no círculo cromático. Para encontrá-las basta traçar um triângulo equilátero dentro do círculo; Cores monocromáticas - trata-se da mesma cor, alterando apenas o valor de saturação, ou seja, tons de cor do claro ao escuro.

## **5. ENTREVISTA COM O PÚBLICO ALVO**

As perguntas para este trabalho foram elaboradas em primeira instância para investigar e/ou reafirmar dados sobre preferências cromáticas, formatos, tamanho de ilustração, técnica, e características físicas e emocionais dos personagens já estudadas na bibliografia. Posteriormente, e não menos importante, houve a investigação da percepção de características físicas, psicológicas, e ou raciais em crianças dos primeiros anos em alfabetização (5-7 anos). Também, se há conceito ou não sobre África e negros. E se há conteúdo racista nos discursos desde a primeira infância.

Optou-se pela utilização de entrevista-conversa que, de acordo com Saramago



(p.17, 2001), “compreendem um número flexível de entrevistados e se classificam em singular, racional, e de grupo. Correspondendo respectivamente a entrevistas com um entrevistado, dois até quatro entrevistados, e seis até oito entrevistados”.

Utilizou-se na entrevista a observação e videogravação que segundo Belei (2008), permite o aprofundamento da coleta de dados e a redução de ruído de informação por abranger o diálogo, a imagem, e o som do objeto de pesquisa. Porém a principal vantagem do método é que outros pesquisadores e colaboradores podem fazer uso do material coletado, servindo como juízes para a neutralidade dos dados.

A entrevista realizou-se nos ambientes escolares particular e público na cidade de Mirassol-SP em março de 2015, com crianças de cinco à sete anos totalizando 35 entrevistados. Na amostra 20 crianças eram do sexo masculino e 15 do feminino, sendo 10 de escola particular e 25 de escola pública. Dos entrevistados 14 eram negros ou pardos. Além de submetidos a perguntas gravadas em vídeo, foi realizada uma dinâmica na qual uma criança descreveu a outra, e também foi lida a história “Menina Bonita Do Laço De Fita” de Ana Maria Machado, a fim de se investigar, em sequência, a auto percepção e a percepção do outro, bem como a compreensão e aceitação da abordagem racial no livro infantil.

Os resultados relevantes da entrevista foram: 1) Ausência de padrão de cores preferidas para o suporte, em que a unanimidade são ilustrações coloridas; 2) Livros grandes demonstraram chamar mais atenção que livros pequenos. Porém as crianças se sentiam mais avontade para manusear livros médios; 3) O estilo de ilustração não demonstrou preferências consideráveis, sendo a técnica mista a que mais agrada; 4) A concentração era maior em relação ao caráter psicológico do que às características visuais dos personagens preferidos; 5) A maioria das crianças demonstraram reconhecer as diferenças físicas dos colegas de sala, mas a percepção é maior a medida que a faixa etária aumenta entre as crianças brancas ou claras. Entre as crianças negras ou pardas a percepção é maior mesmo entre os de 5 anos; 6) As crianças já demonstram ter conceitos estereótipos. Animais selvagens, areia, e negros para o continente Africano. Campo de futebol, time, estádio para Brasil. Preto para negros; 7) Crianças negras ou pardas demonstraram melhor compreensão da moral da história com abordagem racial que crianças brancas.

## 6. RESULTADOS

Desenvolveu-se a partir das investigações, livro ilustrado de uma releitura do clássico Rapunzel com foco para a estética feminina negra, feita especialmente para este trabalho, pela bacharel em Letras Fernanda Suaiden. A história tem a personagem principal negra e corajosa, rompendo com o padrão de beleza clássico e contribuindo com o empoderamento da mulher nas histórias infantis.

A concepção do universo visual do livro destaca o cabelo da personagem principal que passa de uma ponta à outra das páginas garantindo seu papel de elemento principal da história, contribuindo para o caminho do olhar e para a compreensão do texto pelo leitor, em uma paleta de cores relacionada com padrões africanos. Cores intensas, formas



**XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH**  
*Humanidades, Estado e desafios didático-científicos*  
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

geométricas em padrões, predominância de esquema de cores complementar e triádico foram os critérios adotados.

Definiu-se para os blocos de texto a Fonte DIN Alternate Bold no tamanho 20, pois possui formas simples, diferenciação bem definida de cada letra, e ascendentes e descendentes uniformes, ou seja, com prolongamento igual a altura de x. Para tipografia complementar, foi utilizada a BD Cartoon Shout em títulos, capitulares, e em frases em que a tipografia tornou-se também um estímulo gráfico. Com o tamanho de 22,5 x 20,5 cm o projeto contemplou a questão econômica/ecológica com relação ao aproveitamento de papel, baseando-se, para tanto, na tabela de formatos de papéis disponibilizados pelas gráficas.



**Figura 1:** Capa, Contra Capa, e páginas Miolo  
**Fonte:** Própria

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Validam o presente trabalho enquanto material de contribuição real para a sociedade a ausência de personagens negros que servem como referenciais para a construção da identidade, resultante do racismo camuflado comprovado pela necessidade da criação e implementação da lei no 10.639 que obriga o ensino de história e cultura afro-brasileira. Bem como, a banalização da maneira depreciativa que o negro vem sendo retratado na literatura infantil, e a força com que a cultura eurocêntrica afeta o imaginário das histórias infantins, principalmente para a menina negra.

A pesquisa com o público infantil também reafirma a pertinência da discussão e do desenvolvimento de materiais acerca do tema, revelando crianças com percepção racial e que já reproduzem ideias estereotipadas. A percepção racial é maior a medida que a faixa etária aumenta apenas entre as crianças brancas. As crianças negras ou pardas



**XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH**  
*Humanidades, Estado e desafios didático-científicos*  
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

---

demonstraram melhor compreensão da moral da história com abordagem racial e percepção racial mais apurada que crianças brancas mesmo entre os de cinco anos. Ou seja, de maneira inconsciente ou não, essas crianças já podem ter conflitos raciais que poderiam ser esclarecidos ainda na infância por meio de histórias infantis. Além disso, a pesquisa esclareceu que as crianças não gostam mais ou menos dos personagens por suas características físicas, elas classificam seus personagens favoritos como “legal” ou “bonzinho”, o que reafirma o apelo e a tendência por histórias com moral nesta faixa etária.

Mesmo não sendo o objetivo deste trabalho, realizou-se uma nova entrevista com um grupo de cinco crianças negras, desta vez com o boneco do livro, a fim de se aferir um indicativo da eficiência do projeto que apresentou resultados muito favoráveis. As crianças demonstraram entusiasmo com o livro desde a ilustração da capa, compreenderam todas as ilustrações, demonstraram curiosidade com as palavras maiores - enfatizadas pela tipografia complementar, e se identificaram com as características físicas da personagem instantaneamente. Os dados demonstram a força comunicativa da ilustração, sua relação interdependente do texto que enriquece e corrobora a compreensão da história, bem como, o papel colaborador na resignificação do papel do negro no imaginário infantil, rompendo visões distorcidas e evidenciando aspectos positivos.

O ponto máximo da história está no trecho em que o príncipe pede que a menina jogue seus cabelos para que ele entre no castelo. Ela nega de forma categórica e ele que entre pela porta: além da menina não precisar de príncipe algum, não estragará seus preciosos cachos. Outras cenas também dão margem ao mediador para que possa trabalhar temas transversais e outros importantes: diferenças físicas, gênero, papéis sociais, tolerância, etnia, cultura, história, entre outros.

O presente trabalho é, portanto, um agente social importante, tendo em vista a ideia de que toda peça gráfica é, em última análise, o reflexo de ideias e do contexto cultural de que faz parte ou do que pretende transmitir - O papel do design enquanto solução global de um problema, deve necessariamente suprir o maior número de facetas sociais e interdisciplinares que estiver ao seu alcance, e ao designer enquanto produtor de mensagens sedutoras em imagens gráficas, cabe o papel de trazer, além da consciência estética, algum tipo de contribuição crítica social e ambiental.

## **REFERÊNCIAS**

ALBERTO, Adriano Contreras. SIQUIERA, Filipe Rodrigues de. TERUO, Luiz. *Vantagens e desvantagens dos livros eletrônicos se comparado com os livros impressos (físicos) na opinião do público*. VIII Workshop de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro Paulo Souza 2013. Disponível em: < [http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/pos-graduacao/workshop-de-pos-graduacao-e-pesquisa/008-workshop-2013/trabalhos/otimizacao\\_e\\_qualidades\\_de\\_sistemas\\_produtivos/121389\\_874\\_884\\_fin\\_al.pdf](http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/pos-graduacao/workshop-de-pos-graduacao-e-pesquisa/008-workshop-2013/trabalhos/otimizacao_e_qualidades_de_sistemas_produtivos/121389_874_884_fin_al.pdf) > Acesso em nov 2015.

ALBUQUERQUE, Wlamira e FRAGA FILHO, Walter, *Cultura negra e cultura nacional*:



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH  
*Humanidades, Estado e desafios didático-científicos*  
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

---

samba, carnaval, capoeira e candomblé in Uma história do negro no Brasil, Salvador, Fundação Cultural PALMARES, 2006, cap. IX. Disponível em <[www.ceao.ufba.br/.../uma%20historia%20do%20negro%20no%20br](http://www.ceao.ufba.br/.../uma%20historia%20do%20negro%20no%20br)> Acesso em 22 de maio 2013.

ARBOLEYA, Valdinei José. *O negro na literatura infantil: apontamentos para uma interpretação da construção adjetiva e da representação imagética de personagens negros*. Revista África e Africanidades - Ano I - n. 3 - Nov. 2008. Disponível em <[http://www.africaeffricanidades.com.br/documentos/O\\_negro\\_na\\_literatura\\_infantil\\_apontamentos.pdf](http://www.africaeffricanidades.com.br/documentos/O_negro_na_literatura_infantil_apontamentos.pdf)> Acesso em 05 jun. 2013.

ASSIS, Danilo. *O Projeto Gráfico Editorial e o Universo Livresco Infantil*. 2007. <[http://eliasbitencourt2.files.wordpress.com/2009/07/artigo infantil\\_final.pdf](http://eliasbitencourt2.files.wordpress.com/2009/07/artigo infantil_final.pdf)> Acesso em: 15 Out. 2015.

SOUZA, Marina de Mello e. A descoberta da África. In. FIGUEIREDO, Luciano (Org.). *Raízes Africanas*. Rio de Janeiro, RJ: Editor Sabin, 2009.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de; FREITAG, Liliane da Costa; COSTA, Maria Paula; DE SALIS, Carmen Lúcia Gomes; STANCZYK FILHO, Milton; DE SALIS, André Ulysses (Orgs.). *Conjunção de Saberes: Ensino e Pesquisa de História*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

MARIOSIA, Gilmar Santos e REIS, Maria da Glória dos. *A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças*. Estação Literária. Londrina, Vagão- volume 8, parte A, p. 42-53, dezembro de 2011. Disponível em <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8AArt06.pdf>> Acesso em 23 mar. 2013.

MEC, *Site*, 2015. Disponível em: <[http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/impresso/imp\\_basico/pdf\\_eproinfo/e3\\_assuntos\\_a3.pdf](http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/impresso/imp_basico/pdf_eproinfo/e3_assuntos_a3.pdf)> Acesso em 11 out.2015.

JOVINO, Ione da Silva. *Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil*. In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org.). *Literatura Afro-Brasileira*. Centro de Estudos Afro- Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

MUNANGA, Kabenguele (org). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

POWERS, Alan. Tradução: Otacílio Nunes. *Era uma vez uma capa: História ilustrada da literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BELEI, Renata Aparecida. GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina. NASCIMENTO,



**XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH**  
*Humanidades, Estado e desafios didático-científicos*  
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

---

Edinalva Neves. MATSUMOTO, Patrícia Helena Vivian Ribeiro. *O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa*. Cadernos de Educação (FaE/PPGE/UFPel), Pelotas 30: 187-199, jan/junho 2008. Disponível em: <! [http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/1350501221.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1350501221.pdf) > Acesso em: nov.2015.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. 5. ed. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2006.

FRASER, Tom; BANKS, Adam. *O guia completo da cor*. 2 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

LINS, Guto. *Livro Infantil? Projeto gráfico, metodologia, subjetividade*. São Paulo: Edições Rodari, 2002.

LOURENÇO, Daniel Alvares. *Tipografia para livro de Literatura Infantil: Desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers*. Pós-graduação em Design, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011. Disponível em: < ! ! ! <http://dspace.3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/26092/TIPOGRAFIA%20PARA%20LIVRO%20INFANTIL%20Desenvolvimento%20de%20um%20guia%20com%20recomendacoes%20tipograficas%20paa%20designers.pdf?sequence=1>.> Acesso em Nov 2015. !

NECYK, Barbara Jane. *Texto e imagem: um olhar sobre o livro infantil contemporâneo*. 2007. Dissertação (Mestrado em Design). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

NIKOLAJEVA, Maria. SCOTT, Carole. *Livro Ilustrado: Palavras e Imagens*. How Picturesbooks Work. Tradução Cid Knipel. São Paulo, Cosac Naify, 2001.

NODELMAN, Perry. *Words about Pictures: The Narrative Art of Children's Picture Books*. Athens: University of Georgia Press, 1988.

PRÓ-LIVRO, Instituto. *Retratos da Leitura no Brasil*, 2011. Disponível em: < [http://anl.org.br/web/pdf/retratos\\_da\\_leitura\\_no\\_brasil.pdf](http://anl.org.br/web/pdf/retratos_da_leitura_no_brasil.pdf) > Acesso em 17 Out. 2015.

SANTOS, Luís Sérgio. *Tipografia e Legibilidade: O desafio da mediação visual no texto escrito* 2013. Disponível em: < [https://www.academia.edu/4575656/TIPOGRAFIA\\_E\\_LEGIBILIDADE\\_O\\_DESAFIO\\_DA\\_MEDIA%C3%87%C3%83O\\_VISUAL\\_NO\\_TEXTO\\_ESCRITO\\_FULL\\_TEXT](https://www.academia.edu/4575656/TIPOGRAFIA_E_LEGIBILIDADE_O_DESAFIO_DA_MEDIA%C3%87%C3%83O_VISUAL_NO_TEXTO_ESCRITO_FULL_TEXT) > Acesso em 17 Out. 2015.

SARAMAGO, Sílvia Sara Sousa. *Metodologias de pesquisa empírica com crianças*. Sociologia, Problemas e Práticas. Lisboa, no.35, p.9-29, abr. 2001.